

«QUEM MAIS QUER DO QUE
LHE CONVÉM PERDE O QUE
QUER E O QUE TEM».

P.e António Vieira

A VOZ DE LOULÉ

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII	17-3-76	Delegação em Lisboa	Composto e Impresso	DIRECTOR E PROPRIETARIO	Redacção e Administração
(Preço avulso 3\$50)	N.º 581	R. Passos Manuel, 102-5.º-Dt.º	GRÁFICA EDITORA	José Maria da Piedade Barros	GRÁFICA LOULETANA
		Telef. 56 27 59	Av. João Ferreira da Maia, 20		Rua da Carreira
			Telef. 92091		Telef. 6 25 36
			RIO MAIOR		LOULÉ

Uni-vos, homens livres de todo o Mundo!

Sou democrata de corpo e alma. Aprendi a amar a liberdade depois de viver quatro anos sob o regime comunista. Vi nascer a Revolução Bolchevista. Assisti às lutas de pertó. De dia, tínhamos medo. À noite, pavor. Meio século depois, voltei à Rússia e verifiquei que os czares continuam no poder. O medo é o mesmo, o pavor é maior.

A troika imperialista enriqueceu o mapa da Rússia, subjugando povos, religiões e ideais de milhões de pessoas. Tudo em nome da paz.

Eles estão em todas. Fornecem armas, técnicas para

guerrilhas, dinheiro e fazem até declarações de amor.

Quando os estudantes da Checoslováquia desejaram liberdade para o seu país, as

(Continua na pág. 7)

GUERRA À APATIA!

Todos têm a obrigação de fazer guerra sem quartel do espírito derrotista que amiudadas vezes nos invade e atrofia. É verdade que muitos desiludidos e cansados se rendem à evidência dos factos, mas será inútil julgar que as dificuldades e os obstáculos se hão-de vencer com a cabeça escondida debaixo do braço.

Nós temos todos grandes culpas na onda de derrotismo quan-

(Continua na pág. 7)

OS SLOGANS POVO!

MOEDA SEM COBERTURA!...

QUANDO me recordo do 25 de Abril-74, da alegria que senti, do estérismo colectivo em que este Povo Português se viu envolvido, contemplando alegremente o de-

saparecimento de um Fascismo ditatorial de quase meio século, eu

Por MANUEL FARIA

recordo uma manhã feliz! Sim, pois quem não se teria sentido feliz com a Revolução dos cravos? Uma Revolução inteiramente feita para o Povo, dedicada ao Povo, festejada e bem recebida pelo Povo.

Dir-se-ia que o fim em vista, (Continua na pág. 2)

QUARTEIRA

PROGRESSO À VISTA

FINALMENTE A MARGINAL VAI SER EMBELEZADA

De colaboração com a Câmara Municipal de Loulé, o Gabinete de Planea-

mento da Região do Algarve vai executar o arranjo urbanístico da Avenida Marginal em Quarteira.

Este arranjo incluirá a ampliação do estacionamento ao longo da avenida e a valorização estética da mesma, permitindo, deste modo, uma melhor utilização humana.

Criaram-se duas zonas distintas:

O MEIC DÁ APOIO

A CENTROS DE EDUCAÇÃO POPULAR PERMANENTE

Com vista a uma «mais profunda intervenção social, económica e política que todo o processo de constituição de uma Sociedade Socialista exige», o M. E. I. C.

(Continua na pág. 8)

UM MONUMENTO para Vitor Crespo (já)

Lemos agora no «Jornal Novo» que Vitor Crespo disse ao diário «A Luta» em 30/11/75 que «A descolonização foi uma tarefa tão grandiosa como os descobrimentos».

E como Vitor Crespo foi um dos principais gestores da nossa «originalíssima» descolonização, logo se en-

tende que aquele «grande político» se auto-denomina de herói.

São do «Jornal Novo» os seguintes comentários:

A colonização durou 500 anos e subordinou indígenas americanos, africanos e alguns asiáticos, em estado

(Continua na pág. 2)

FERNANDO BRASÃO GONÇALVES

NOVO SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DO COMÉRCIO EXTERNO E TURISMO

Foi nomeado Subsecretário de Estado do Comércio Externo e Turismo, ficando como adjunto do Dr. Jorge Campinos, o nosso conterrâneo sr. Dr. Fernando Luís Brasão Gonçalves.

O novo Subsecretário de Estado do Comércio Externo e Turismo é natural de Boliqueime e licenciado pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade de Lisboa.

Tem sido meritória a sua actividade na CUF, EPI, Protêxtil, Petrosul, TAP, Fundo de Fomento de Exportação e noutros sectores da vida industrial do País.

Tem igualmente prestado a melhor colaboração a instituições da nossa Província, tendo sido presidente, durante alguns anos, do Sporting Clube Farense.

A cerimónia da posse efectuou-se, no passado dia 12, no Palácio de Belém, sob a presidência

do General Gosta Gomes, estando presentes o Primeiro-Ministro e o titular da Pasta do Comércio Externo e Turismo.

(Continua na pág. 7)

URGENTE UM GRANDE MOVIMENTO DE RECONCILIAÇÃO NACIONAL

«As lutas sociais e políticas dos últimos tempos

(Continua na pág. 7)

«EVOCAÇÕES»

do dr. Guerreiro Murta

O dr. Guerreiro Murta, louletano ilustre e publicista conceituado, acaba de publicar, em edição do autor, uma «Adenda» à sua obra «Evoações», há anos vinda a lume e que tão bem foi recebida pela crítica e pelos leitores. Esta «Adenda» é quase inteiramente dedicada a outro filho ilus-

(Continua na pág. 7)

PROJECTOS

DO GAPA PARA 1976

Um dos principais projectos do Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, para o ano de 1976, é a tarefa do planeamento

(Continua na pág. 2)

Sonhar é fácil!

Por MARIA CAMPINO

Li em «A Voz de Loulé» de 21 de Janeiro passado o artigo «Turismo e Cultura Musical» da autoria do sr. Dr. Sousa Pontes, que muito apreciei e desejaria de-
veras que a minha Província, to-

da a sua população, já estivesse preparada musicalmente para poder dar o seu contributo de forma válida, ao que no referido artigo é proposto. Porém assim não poderá acontecer, porque o Conservatório Regional do Algarve

(Continua na pág. 4)

PONTE SOBRE O GUADIANA - símbolo de amizade

— No Algarve, sol esplendoroso

«Só salvaremos a Democracia e a Revolução se vencermos a batalha do turismo»!

«Saibamos receber os estrangeiros, fazendo-lhes compreender o que é o nosso Portugal».

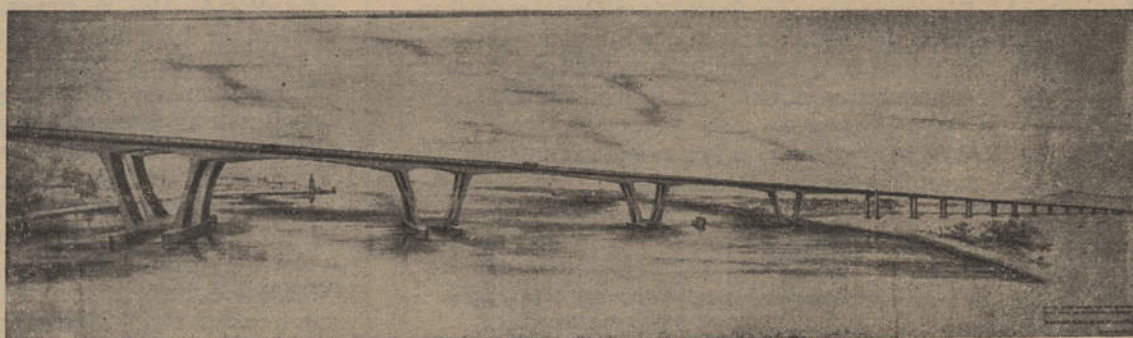
«Turismo e revolução não são incompatíveis»!

«Espanha e Portugal não são antagónicos em matéria de turismo. Somos países que se completam».

«A ponte sobre o Guadiana po-

dia ser o símbolo da amizade entre Portugal e a Espanha. Portugal está disposto a iniciá-la».

(Continua na pág. 7)



Perspectiva da ponte sobre o Guadiana

OS SLOGANS POVO!

MOEDA SEM COBERTURA!

(continuação da pág. 1)

era uma total doação. Poderia mesmo admitir-se, que ao Povo Português pertencia o possível e se isso não chegasse, poderia recorrer-se ao imaginário. Como eu sinto saudades de um passado recente, em que tudo eram rosas, quando tudo era ordenado por este meu Povo! Tudo nós conquistámos: liberdade ampla, Bancos, Seguros, Cimentos, TAP, Marinha Mercante, Lisnave, Setenave, CUFs, Hospitais, Rádio, Televisão, Jornais, Empresas de Camionetas, Metro, Carris, as melhores heranças, coutadas para caça, Fábricas de Fiação, Cervejas, o Turismo para as massas, enfim. Tudo isto e mais o restante que pertencia aos indesejáveis latifundiários, era pertença do Povo, e ainda com o VOTO, a sua arma.

Como eu me senti feliz temporariamente, por pertencer ao País mais rico e mais livre do Mundo, onde só trabalhava quem queria, quando lhe apetecia, exigindo em troca o que necessitava! Saudosos tempos! Hoje como consolidação o que nos resta? A velha frase de quem tem um dia bom não os tem todos maus? Que cotação têm esses slogans POVO e onde está o bem estar prometido? Oh! minha querida Revolução, que tanto te amei: nasceste sob o signo do fracasso ou para dar razão ao Fascismo? Sinto pena, dó e vergonha, de quantos se estão a rir de mim, do meu POVO e do meu PAÍS! Oh! santa Revolução, que não nos deste a independência prometida, nem nos retiraste da infame situação de pedintes!

Meu pobre PAÍS das descobertas, dos sonhos, das glórias,

da colonização! Estarás por fim condenado a te deixares colonizar? Quem muito atraca, pouco abarca, por isso não estará ao nosso alcance o grupo dos não alinhados, nem o terceiro mundo e muito menos a Lua, ou Marte.

Minha inesquecível Revolução de Abril. Ganhaste a admiração do Mundo, mereceste toda a consideração e estima, de um povo que esteve contigo, que te adorou e que confiou em ti. E agora? Quem não desconfia de ti, Revolução das promessas? Santo Deus! Como as condições financeiras de todos nós, resistem a tanto! Sacrificando o POVO que esbracejando na dúvida, só vê em seu redor, dificuldades, aumentos, carências e que mais? Sobe o pão, o açúcar, o azeite, o bacalhau, a manteiga, a batata, o arroz, os óleos, os transportes, contribuições, gasolina, tabaco, bebidas, medicamentos, consultas médicas, jornais, telefone, selos de correio, carne, peixe, queijo, tecidos, mobílias, taxas de TV, rádio, etc., etc., etc..

Oh! Revolução dos cravos: salva-nos, acode-nos, porque nós o POVO, ainda acreditamos em ti; não porque seja possível um milagre; não que se deseje o retrocesso ao Fascismo; não que se acredite numa pura e sã Democracia, porque nós o teu POVO, é alérgico a falsas democracias; não com Socialismos im-

portados ou à Portuguesa; mas salva-nos Revolução amiga, porque só tu nos podes salvar. Impõe-te a este teu Povo, obriga-o a trabalhar, a produzir, a recuperar os milhões de horas perdidas. Não te importes que te condenem porque de condenada já não passas; não te importes que te alcunhem de meia ditadura, porque já deves ter reparado, que este teu POVO adapta-se maravilhosamente às ditaduras, porque a isso foi habituado. É de pequenino, que se torce o pepino, diz o hortelão; seria isto que deveria ter dito a minha REVOLUÇÃO!...

MANUEL FARIA

(«A Voz de Loulé» n.º 581, 17/3/76)

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

No dia 27 do próximo mês de Abril, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial de Loulé, nos autos de execução hipotecária com processo sumário n.º 1/75 que correm termos pela 1.ª secção deste Juízo, em que são exequentes Mariana Júlia Lopes e outros e executado MANUEL DE SOUSA LEAL JÚNIOR, solteiro, maior, comerciante e proprietário, actualmente a residir no sítio de S. Romão da Gralheira, freguesia e concelho de S. Brás de Alportel, comarca de Faro, não de ser postos em praça pela 1.ª vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima dos valores que adiante se indicam, os seguintes prédios:

1.º — Morada de casas de habitação e terra de semear com árvores, no sítio das Cercas de Vale Telheiro, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o art.º 29 763 e inscrito na matriz rústica sob o art.º n.º 4 626 e na urbana sob o art.º n.º 2237. Vai à praça no valor de 1.852\$;

2.º — Uma courela de terra de semear e barrocal com árvores, no sítio da Monteiro, mesma freguesia, descrito na dita Conservatória sob o n.º 29 739 e inscrito na matriz sob o art.º n.º 10 015. Vai à praça no valor de 1 876\$00;

3.º — Uma courela de terra de semear e barrocal, com árvores, no sítio da Corga, mesma freguesia, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 29 740 e inscrito na matriz sob o art.º n.º 9 914. Vai à praça no valor de 1 222\$00;

4.º — Uma morada de casas com rés do chão e 1.º andar, com quatro compartimentos e cada pavimento e quintal, na Travessa do Lagar Novo, mesma freguesia, descrito na Conservatória aludida sob o n.º 30 129 e inscrito na matriz sob o art.º n.º 2 652. Vai à praça no valor de 12 672\$.

Dos referidos prédios pe-

Um Monumento para Victor Crespo (já)

(continuação da pág. 1)

selvagem, à burguesia nascitura europeia: a descolonização subordinou os mesmos indígenas ao social-imperialismo soviético. E conta já, no saldo, com mais de uma centena de milhares de mortos.

O 25 de Abril foi possível com a intersecção nas FA de elementos universitários ligados aos movimentos comunistas. Parece, pois, óbvio que em contabilização política o saldo tenha sido cobrado pela União Soviética.

Ao afirmar que a descolonização, como nós a fizemos, tivera a grandeza dos descobrimentos, além do vitupério, V. Crespo infere que a sua estatura é igual à de Bartolomeu Dias, Diogo Cão, Gama ou Cabral; que a sua coragem foi tão indomita quanto a deles.

Mas ao comparar as consequências e a forma como foi desenhada a descolonização e empreendida a gesta dos descobrimentos, há uma discrepância, só: é que, desejando aos nossos ex-colonizados pretos o mesmo que para nós, faltamos pois entregarmo-nos à União Soviética. E então, sim, estaremos perante o segundo Albuquerque que, como o primeiro, estarrecerá o Mundo.

Os pequenos e médios intelectuais, por seu lado apressar-se-ão a reescrever «Os Lusíadas», — em russo.

São assim os nossos «heróis» do Século XX... dignos de grandes monumentos.

PROJECTOS DO GAPA PARA 1976

(continuação da pág. 1)

regional, a que não se deu início no ano transacto.

Este trabalho terá que assentar em bases científicas de avaliação das características sociais, económicas, físicas e políticas da região sendo, pois necessário proceder a inquéritos. Com base neste estudo poder-se-ão lançar operações urbanísticas, capazes de canalizar os interesses particulares.

No âmbito da habitação há o problema da recuperação de edifícios degradados, que este Gabinete pretende levar a cabo, visando minorar carências de alojamento e melhorar as condições de habitabilidade.

Assim, em breve, realizar-se-ão, no GaPA, reuniões com elementos das Comissões Administrativas das Câmaras e Técnicos Municipais, com vista a uma íntima colaboração na execução deste projecto. Há, ainda a salientar que o GaPA considera que, para além das obras de recuperação em edifícios degradados, também devem ser consideradas neste processo, as operações de alteração ou ampliação dos edifícios, de maneira a que se aproximem dos mínimos regulamentares de habitabilidade.

Um dos sectores de actividade regional que atravessa grave crise — a construção civil — será, também um dos beneficiados deste projecto, que fornecerá grande número de postos de trabalho.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE FARO

ANÚNCIO

Pagamento de Contribuições à Previdência

Várias instituições de previdência têm procurado saber se continua a aplicar-se às empresas públicas (contribuintes das Caixas), empresas nacionalizadas, empresas em auto-gestão e empresas que assumiram a forma de sociedades cooperativas os dispositivos legais e regulamentares sobre contribuições para a Previdência.

Tendo em vista o esclarecimento dessas dúvidas, comunica-se que se mantem em vigor aqueles dispositivos, devendo pois continuar a ser paga a contribuição global de 23,5% dos salários relativamente aos trabalhadores daquelas entidades (6,5% descontado no salário dos trabalhadores e 17% encargo da empresa contribuinte). Com efeito, enquanto não for alterado o regime financeiro da Previdência não é possível qualquer diminuição nas contribuições globais relativamente àquelas empresas, devendo pois ser exigida a contribuição total, sendo o encargo do contribuinte incluído nas despesas gerais.

Faro, 25 de Fevereiro de 1976.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

COZBAR - Cerâmica do Barlavento, SARI

Sede Provisória: Rua do Ribeiro — ALTE

Assembleia Geral

Convoco a Assembleia Geral ordinária desta Sociedade para reunir no dia 31 de Março de 1976, pelas 21 horas, na Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 121-r/c em Loulé, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Discutir e votar o Relatório e Contas do Conselho de Administração relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal.
- Discutir e votar sobre qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

Loulé, 1 de Março de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral
JÚLIO CRISTÓVÃO MEALHA

A DISTRIBUIÇÃO DO CORREIO EM QUARTEIRA

A distribuição do correio em Quarteira tem sido um autêntico quebra-cabeças, porque uma população flutuante cria complexos problemas aos carteiros.

Porém, desde que foram construídas aquelas torres sem números de polícia e em ruas sem nomes, tem sido qualquer coisa de fazer perder a paciência ao mais calmo carteiro.

Imagine-se só, o que deverá fazer um carteiro ao ler o seguinte endereço: «fulano de tal, bloco tal, andar tal», ou mais simplesmente: «fulano de tal, Avenida Marginal».

... E agora adivinha onde fica o bloco tal ou quem será o fulano tal?

E isso é de tal maneira desconcertante que até deve levar os carteiros a perderem a vontade de pensar.

Disso temos um exemplo flagrante de um nosso assinante que, não acreditando que uma carta poderia demorar 15 dias entre Loulé e Quarteira, resolveu escrever a si mesmo com o maior número possível de indicações e fez o seguinte raciocínio: «o car-

teiro terá de pensar, mas há-de chegar à conclusão de que é possível entregar a carta ao destinatário mesmo sem perguntar nada a ninguém».

De facto a carta chegou ao destino: mas 15 dias depois!

Face ao exposto parece-nos que já é tempo de a Câmara de Loulé resolver mais um dos múltiplos problemas de Quarteira: facilitar a entrega de correspondência aos moradores das novas zonas urbanizadas.

PÉ DE COELHO (Salir)



AGRADECIMENTO

JOÃO DA PALMA
LOURENÇO

Sua família desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada.

Para todos, o penhor da sua gratidão.

OS SUMOS

E O LEITE

Muita gente acredita que a ingestão do leite com frutas ácidas constitui mistura perigosa, simplesmente porque o leite talha. A verdade, porém, é que, além de não fazer mal, o valor nutritivo dos sucos ácidos é grandemente aumentado pela junção do leite.

No inverno, mas sobretudo no verão, tome refrescos e sorvetes feitos de sucos naturais de frutos, ainda que ácidos, adicionados de leite.

ANDAR

Aluga-se, para escritório, consultório, Salão de Cabeleireira ou qualquer ramo comercial, um 1.º andar com 6 divisões, situado na mais central artéria da vila de Loulé.

Nesta redacção se informa.

MARINOTEIS - Sociedade de Promoção e Construção de Hoteis, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral desta Sociedade para reunir, em sessão ordinária, às 15.30 horas do dia 30 de Março, no seu escritório, Avenida de Berna, 24-3.º-Esq., em Lisboa, com a seguinte Ordem do Dia:

- 1 — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1975;
- 2 — Proceder à eleição dos Membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, para o triénio de 1976-1978;
- 3 — Dar cumprimento ao preceituado na alínea c) do n.º 2 do Art.º 10.º dos Estatutos.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ARTUR CUPERTINO DE MIRANDA

ATLETISMO FOI ÊXITO EM LOULÉ

Pela segunda vez, a Av. José da Costa Mealha foi cenário do Grande Prémio do Carnaval de Loulé, prova organizada pelo Louletano Desportos Clube com o apoio técnico da Associação de Atletismo de Faro.

O êxito da prova pode-se considerar o melhor prémio para todos aqueles, que, de perto ou de longe, trabalharam para a realização de um acontecimento de tão grande valor para o atletismo louletano e algarvio.

Comparticiparam para a realização da prova além do Governo Civil de Faro, Câmara Municipal de Loulé e Comissão Regional de Turismo do Algarve, algumas empresas e estabelecimentos comerciais, que demonstraram, deste modo, o seu interesse pela verdadeira implantação de tão salutar modalidade desportiva nas nossas paragens.

Inicialmente apenas programadas provas para atletas masculinos de todos os escalões etários, foi com grande satisfação que pude ver provas femininas incluídas nesta 2.ª edição do G. P. do Carnaval de Loulé; deste facto, só lamento a falta de interesse das jovens louletanas pela prática da modalidade, demonstrada através da escassa participação de atletas de Loulé na competição (uma única atleta).

Contando, no total, com a presença de cerca de 150 atletas, o II G. P. do Carnaval, suplantou, em número de participantes, e não só, todas as provas de Atletismo deste género ultimamente realizadas na nossa província. De entre os atletas presentes contavam-se representantes das seguintes equipas: Liceu de Faro, Sport Faro e Benfica, Jograis António Aleixo (Estoi), Académico de S. Francisco (Faro), C. P. T. Ferreiras, Casa do Povo de Tavira, Comissão de Moradores de Quarteira, Escola Secundária de Silves, Clube Desportivo e Recreativo Quarteirense, Escola Secundária de V. R. de St.º António, Grupo Desportivo da CUF, Sporting Clube Olhanense e Louletano.

As classificações foram as seguintes:

INFANTIS FEM. — 1.ª, Maria Queiroz (Esc. Sec. V. Real).
INICIADOS FEM. — 1.ª, Madalena Silva (Esc. Sec. V. Real); 2.ª, Manuela Coelho (Loulé); 3.ª, Luísa Nicolau (Esc. Sec. V. Real).
INFANTIS MASC. — 1.º, Jacinto Moreno (C. P. T. Fer.); 2.º, António Moreira (Ac. S. Francisco); 3.º, António Soares (Esc. Sec. V. Real).

POR EQUIPAS — 1.ª, Escola Sec. V. Real — 21 pontos.
INICIADOS/JUVENIS — 1.º Ezequiel Canário (Liceu Faro); 2.º, Humberto Sequeira (Esc. Sec. Silves); 3.º, Meira Pinto (Liceu Faro).

POR EQUIPAS — 1.ª, Liceu Faro B — 14 pontos; 2.ª, Escola Sec. V. Real — 31 pontos; 3.ª, Liceu Faro A — 31 pontos.
JUNIORES/SENIORES — 1.º, João Campos; 2.º, Luís Horta; 3.º, Gualdino Viegas (todos do Liceu de Faro).

POR EQUIPAS — 1.ª, Liceu de Luz Tavira — 28 pontos; 3.ª, S. C. Olhanense — 28 pontos; 4.ª, Jograis Ant.º Aleixo — 60 pontos; 5.ª, Louletano — 78 pontos.

Sem querer gabar o atleta, não quero deixar de salientar a corrida de João Campos, do Liceu de Faro que, mais uma vez, exibiu a sua real categoria de campeão de Portugal.

Uma palavra de apreço para os atletas do Louletano, que, sendo especialistas de corridas de velocidade, mostraram (como bons desportistas que são) o seu empenho em terminar a prova.

Para terminar, quero apenas deixar um apelo aos agentes da P.S.P., para que em futuras edições a sua colaboração seja mais eficiente no que respeita ao controle do trânsito, enquanto as provas decorrem.

LÉLIO AMADO

NOTÍCIAS PESSOAIS

CASAMENTO

Na Igreja Paroquial da Sagrada Família de Lisboa, realizou-se no passado dia 28 de Fevereiro o enlace matrimonial da nossa compatriota sr.ª D. Margarida Maria Neto Lopes, estudante do 4.º ano de Medicina, filha da sr.ª D. Maria Judite Palmeira Neto Lopes e do nosso prezado amigo e assinante sr. Custódio Sezinando Nobre Lopes, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Tavira, com o sr. Pedro Manuel Vasques do Nascimento, engenheiro agrônomo, filho dos nossos conterrâneos e dedicados assinantes sr.ª D. Maria de Lourdes Vaz de Barros Vasques do Nascimento e do sr. Constantino Cândido do Nascimento, solicitador.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seus tios sr.ª D. Maria Filipe do Nascimento de Aires Mateus e o sr. eng.º Manuel de Aires Mateus, residentes em Grândola.

Finda a cerimónia, celebrada com missa pelo Rev.º Padre João António de Almeida, foi servido um «copo de água» no Restaurante «Fateixa» em Carcavelos.

Os noivos, que fixaram residência em Lisboa, seguiram em viagem de núpcias pelo Norte do País.

Ao jovem casal, endereçamos os nossos parabéns, com votos de feliz vida conjugal.

FALECIMENTOS

Em casa de sua filha em Loulé, faleceu há dias a sr.ª D. Maria das Dores Coelho, viúva do sr. Manuel Coelho e que contava 88 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe das sras. D. Delmira Guerreiro Coelho Pencarrinha, casada com o sr. João de Sousa Pencarrinha, D. Maria Estanco Coelho Viegas, casada com o sr. João Viegas (falecido); D. Francisca Estanco Coelho, casada com o sr. Manuel Tomé Bexiga, residente na Argentina e avó do sr. João Manuel Coelho Pencarrinha, casado com a sr.ª D. Maria Zuzete Aleixo Pencarrinha; José Guerreiro Coelho Pencarrinha, casado com a sr.ª D. Cidália Maria Viegas, sr. António José Coelho Pencarrinha, casado com a sr.ª D. Lina Soares, residentes na Austrália, srs. Coelho Tomé e Manuel Coelho Tomé, residentes na Argentina.

Faleceu no passado dia 20 de Janeiro, em Port Kembla — Austrália, em casa de sua filha, a sr.ª D. Emília Pires, viúva do sr. Manuel Gonçalves Rocheta, que contava 86 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe dos srs. José Pires Rocheta, casado com a sr.ª D. Alexandrina Portela

Rocheta, residentes na Argentina, Manuel Pires Rocheta, casado com a sr.ª D. Maria da Boa Horta Marques Rocheta, Joaquim Pires Rocheta, casado com a sr.ª D. Maria Vitória Rocheta, residentes na Austrália, António Pires Rocheta, casado com a sr.ª D. Laurinda Matos Lima Rocheta e da sr.ª D. Maria Rocheta, casada com o sr. José Firmino.

No Hospital de Faro, faleceu no passado dia 20 de Fevereiro, o sr. Manuel Carrusca Neves, que contava 48 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria do Carmo Mendes Neves. O saudoso extinto era pai da sr.ª D. Maria José Mendes Neves, casada com o sr. Vítor Cerca e avó de Isabel Maria Neves Cerca, e era irmão do nosso prezado amigo e assinante sr. Artur Charrusca Neves, casado com a sr.ª D. Maria José Pires Portela Neves.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

APESAR DA CRISE DA CONSTRUÇÃO CIVIL

FARO EM 4.º LUGAR ENTRE OS DISTRITOS COM MAIS FOGOS

CONSTRUÍDOS EM 1974

Segundo dados das «Estatísticas da Construção e Habitação» recentemente distribuídos pelo I. N. E., foram construídos em Portugal, em 1974, 43.402 fogos em 20.209 edifícios, no valor aproximado de 11 milhões e 500 mil contos. Os valores referidos são ligeiramente superiores aos registados em 1973: mais 99 fogos.

Lisboa (11.316 fogos) e Setúbal (6.249) foram os distritos com mais elevado índice de construção de habitações, logo seguidos pelo distrito do Porto (5.292) e Faro (3.408). Nos citados distritos, mais nos de Braga e Leiria, foram construídos mais de 77 por cento do total dos fogos construídos para habitação no Continente e Ilhas.

Na última semana do mês de Dezembro de 1974 trabalhavam neste sector de actividade 223.724 operários efectivos, que receberam 9.782 milhares de contos de ordenados e salários.

O índice total do custo da construção (materiais e mão de obra) de edifícios para habitação na cidade de Lisboa passou de 235,5 no mês de Dezembro de 1973, para 293,1 (prédios com 3 pavimentos e 2 fogos por pavimento) no mesmo mês de 1974, particularmente devido à elevação dos custos da mão de obra.

CORREIAS TRAPEZOIDAIS em borracha

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19

Telefone 725163

LISBOA



ARMELIM CONTREIRAS

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Telef. 62919

Stand: Rua Diogo Lobo Pereira
Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, N.º 14-1.º-Esq.º

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima

LOULÉ

O SOCIALISMO COMUNISTA

Afirma que a eliminação de classes se consegue, quando os meios de produção (fábricas, oficinas, maquinaria, minas, campos, etc.) e de distribuição (armazéns, lojas, etc.) estiverem «coletivizados», ou seja, nas mãos do Estado. Isso só se conseguirá por forma violenta e deve conduzir à DITADURA DO PROLETARIADO. Será essa a 1.ª fase do Estado Socialista, à qual se seguirá — em teoria — a 2.ª fase, a fase «ideal». Nessa fase, o Estado tornou-se desnecessário, e, após a sua progressiva dissolução, entra-se na sociedade «ideal», na SOCIEDADE COMUNISTA. Então todos os meios de fortuna serão distribuídos a cada qual segundo as suas necessidades. Só nessa fase final é que o homem será inteiramente livre. Entretanto essa fase ainda não foi alcançada em nenhum dos países vivendo sob regime comunista, ou seja, nos PAÍSES SOCIALISTAS. Em todos eles o Estado continua a existir: O ESTADO MANDA, PLANIFICA, DISTRIBUE E PAGA. E, como, em teoria, paga a cada um segundo as suas necessidades, e as necessidades de cada um são difíceis de avaliar, as desigualdades são flagrantes. Quanto ao CIDADÃO do Estado Comunista, a sua situação é cómoda: não precisa de pensar! O Estado pensa e decide por ele. O CIDADÃO OÙVE, OBEDECE, EXECUTA. Todos são CIDADÃOS-FUNCIONÁRIOS. O Trabalhador trocou de Patrão. Substituiu o Patrão-Empresário, muitas vezes ex-

plorador, mas punível por lei, pelo Patrão-Estado, sempre explorador, porque inatacável pela lei. Sendo, portanto, o Estado o Patrão-único, não há contra quem protestar. Não há necessidade de greves. Não há reivindicações a fazer, nem melhores salários a pedir. Os trabalhadores são apenas obrigados a aceitar aquilo que o Estado lhes impuser. ...Porque o Estado é quem tudo manda, tudo sabe, tudo faz. O resto obedece... porque só o Estado é que sabe aquilo que ao povo convém. Entretanto, ficam no «poleiro» a tal centena de privilegiados que acabaram com aqueles a quem chamavam de «privilegiados». Claro que, à frente desse tal Estado, estão os tais militares... que se aproveitam.

POING

Do nosso colega «A Defesa», que se publica em Évora, há 52 anos, retirámos do seu número 2744, de 4 de Fevereiro, o seguinte:

QUE REGABOFE!

O Zé-Povinho nunca foi tão incensado e nunca esteve tão sacrificado! Martelham-lhes os ouvidos com «as mais amplas liberdades», mas, como não come liberdades e lhes encarecem a vida cada vez mais, andam positivamente a chuchar com ele. Foi burlado pelo gongalvismo espoliador e mentiroso, e agora obrigam-no a subir um doloroso calvário com a inflação. Grande subida nos transportes, produtos alimentares caríssimos, gasolina a mais cara da Europa, senão do Mundo!

Toda a gente sabe que o País está em crise, pois, para a ajudar a debelar, o programa dos CTT é ganhar mais e trabalhar menos. Quase duplicaram as tarifas postais; e, sendo um serviço público dos de maior interesse nacional, para cúmulo, ficaram a trabalhar menos. As sextas, estão já tão cansados que não abrem aos sábados. Tiveram o descaramento de no Natal, período do ano de maior correspondência, fechar durante 5 dias seguidos! Com bons ordenados e vida folgada, devem ser uma tentação para os que não morrem de amores pelo trabalho. Na França e na Alemanha, os correios abrem aos sábados, porque são países «atrasados». Os nossos fecham, para ficarem na «vanguarda» do progresso. Não pode haver povos prósperos, com um funcionalismo mandrião.

A. TAVARES

COMISSÃO DE PLANEAMENTO AGRÍCOLA DO ALGARVE

Por despacho do Ministro da Agricultura e Pescas, foi criada a Comissão do Planeamento Agrícola do Algarve.

Esta Comissão será integrada designadamente por representantes do Ministério da Agricultura e Pescas, das Cooperativas Agrícolas, dos agricultores e dos trabalhadores rurais.

Funcionará junto da Comissão do Planeamento da Região do Algarve, em ligação com o Gabinete de Planeamento do Ministério da Agricultura e Pescas.

SONHAR É FÁCIL

(continuação da pág. 1)

que está apenas no seu 4.º ano de funcionamento, ainda não teve o tempo necessário de chamar a si, toda a população da Província, que o mesmo é dizer, com algumas excepções naturalmente, de mentalizar todas as pessoas para a música, evidentemente com a colaboração eficiente de outros organismos. Isto de apreciar as Artes, no caso presente, a música, não se faz especialmente com concertos, mas sim com escolas. Os concertos são um complemento importante da escola. Quando o País estiver educado artisticamente então já se podem fazer Festivais, Campos Musicais, Exposições de pintura e escultura à vontade, porque o público vai, já sabe apreciar, é o que acontece na América e noutros Países. E bom não esquecer os Festivais que já se têm feito no Algarve! As entidades que os realizaram tiveram sempre prejuízos e o último foi bastante grande, embora sejam feitos com a melhor das intenções. O Algarve como todo o resto do País, exceptuando Lisboa e Porto, ainda não está preparado para as grandes manifestações artísticas. Se se tivesse gasto com escolas, uma parte dos milhares de contos que se tem gasto com Festivais e sociedades de concertos em Lisboa, como teria sido proveitoso para o povo português! Assim só beneficiou o povo de Lisboa e Porto, que, como centros importantes que são, também têm Conservatórios oficiais, cujas propinas são uma ninharia comparadas com as regionais, onde os alunos pagam uma mensalidade por cada disciplina, porque doutro modo não poderiam sobreviver, visto os subsídios que recebem serem pequenos. Oficialmente, os Conservatórios Regionais, vivem mesmo à margem da qualquer direito. Obrigações sim, têm muitas: envio de relatórios, estatísticas, selos fiscais, impressos sobre impressos que são pagos, etc., etc.. E os cursos de férias em Cascais? Aqui, apesar dos 900 contos anuais gastos com os referidos cursos, o Turismo, a Câmara e toda a população, deixaram morrer a Academia de Arte de Cascais por falta de verba!!! Pergunta-se: será falta de verba ou falta de interesse? Somos levados a pensar que para os organizadores portugueses só vale o que é internacional e os artistas portugueses, que, quando vão ao estrangeiro, não fazem má figura, não interessam para os Festivais, senão em casos muito especiais, quando já trouxeram de outros países as credenciais artísticas. Mesmo assim, alguns artistas portugueses, vão ficando lá por fora, porque sentem melhor acolhimento.

Em traços muito rápidos, parece-me ser este, o panorama musical do nosso País, no entanto aparece agora uma tentativa de organizar no Algarve, um concurso a nível internacional, para uma composição sinfónica sobre temas algarvios e a criação duma orquestra sinfónica apoiada pela Rádio Difusão Portuguesa! Maravilhoso sem dúvida!... Mas onde vão buscar músicos e chefes de orquestra portugueses que se queiram radicar em Faro? Eu sei... chamam-se estrangeiros, se não houver em Portugal, mas dinheiro para lhes pagar? Eles ganham muito bem! É uma classe, quase diria, privilegiada, nos seus países!

A sociedade que os rodeia, reconhece-lhes categorial. Ora será justo que se organizem actividades, onde se gastará tanto dinheiro, quando as escolas regionais de música, que são as únicas que poderão lançar as bases duma verdadeira cultura musical, e o nosso próprio Conservatório de Faro estão à beira de fechar as suas portas.

Porque não somos mais pacientes e não começamos pelo princípio? Primeiro, criar escolas de arte a nível regional, para ensinar as populações, com o apoio

do próprio Estado e depois organizar essas belas manifestações artísticas, mas completas, porque Arte, não é só música, é também a pintura, escultura, arquitectura e mesmo a Arte Popular. Tudo isto faz parte da cultura do Povo.

O Conservatório Regional do Algarve, tem feito o que lhe tem sido possível, no sentido de levar a música a aldeias, vilas e cidades. Tem realizado com o seu Coro Professores e Alunos, concertos explicando previamente as obras e autores que constam do programa. O resultado é animador. O Conservatório recebe convites de todos os pontos da Província, a sua obra é séria, vai desbravando os caminhos, para realizações mais elevadas, levando às populações, que nunca tiveram nada neste género segundo elas dizem, uma mensagem de paz, de são convívio, porque nós mesmos nos entre a assistência e falamos com ela, de alegria, que transparece na expressão dos seus rostos aliviados, durante aqueles momentos, da dura vida diária. Esta, a acção do Conservatório fora da sua casa. No Teatro Lethes, onde funciona, graças à Delegação da Cruz Vermelha, ensina aos que o procuram e são algumas centenas, graças a Deus, o instrumento preferido e as disciplinas obrigatórias e forma-os de modo a virem a ser profissionais ou amadores de música. Os artistas precisam de público que os entenda e isto compete à escola, salvo raras excepções de ambiente familiar, de tendência pessoal, etc..

Quase toda a gente diz que gosta de música! Acredito, a música nasce connosco, na nossa voz, nas canções de embalar que ouvimos às nossas Mães; Mas gostar é diferente de compreender ou de ter a sensibilidade preparada para a receber. Isto pertence à Escola. Muitas pessoas esquecem-se que a música é uma arte e também uma ciência e por isso é preciso ser estudada, na escola, como qualquer outro curso. Mas em Portugal ainda não se liga grande importância à música, tanto que nos Liceus, continua a ser uma coisa qualquer de que os alunos podem prescindir e até já foi retirada creio que do 3.º ano do ciclo.

Em Portugal é costume aparecerem pessoas, com ideias sobre música e por isso o sr. Dr. Sousa Pontes, já com a aprovação de alguns músicos portugueses, propõe um concurso internacional para uma composição musical sobre temas algarvios. Eu pergunto: Porque há-de ser internacional o concurso? Os estrangeiros sentirão o nosso folclore como nós? Pode ser uma experiência que resulte...

Quem financia todo este projecto? Eu que tenho trabalhado na música toda a minha vida, só tenho encontrado dificuldades para qualquer actividade musical, pequena que seja. Nunca há dinheiro, o que já me levou à conclusão (não à desistência) de que no nosso País, a música vive de esmolas talvez dos sobejos doutras realizações melhor compreendidas. Nas Províncias portuguesas há aproximadamente 40 anos, que a música vive da «carolice» dos fundadores das escolas de música, que não desistem, embora por sacrifícios de toda a ordem.

Voltando às pessoas com ideias sobre música, embora acreditando na sua boa intenção e até na sua boa colaboração eu pergunto: O que diria, por exemplo um médico, advogado ou engenheiro, se eu, lendo qualquer coisa sobre assunto respeitante a cada um deles, começasse a lan-

çar ideias e as tentasse pôr em prática? Mandavam-me prender com certeza...

Mas eu creio entender estas pessoas. Como gostam de música, têm pressa de ver o seu País ou Província, ombrear com outros Países com séculos de tradição ou com a América que teve a sorte de acolher muitos valores europeus, já com experiência profissional, que juntos aos naturais, certamente bem dotados e com o Estado a apoiá-los, abriam todas as possibilidades para fazer da América, o País que é. Trabalhamos pois, não para imitar de repente, tudo o que se faz lá fora, mas para estruturarmos com bases as nossas escolas de música e todas as outras necessárias ao homem, para nos tornarmos um povo interessado por toda a cultura humana e que embora copie figurinos estrangeiros pois sempre estão mais adiantados do que nós, possamos com os conhecimentos que adquirirmos, igualá-los no seu espírito criador. Na renovação da nossa sociedade, democrática, não nos esqueçamos que o homem é um composto de corpo e alma, como tal, ser necessário dar-lhe todos os meios para se cultivar nestes dois aspectos. Só assim será um Homem, integral, digno, equilibrado, sabendo usar as duas forças que possui, próprias do seu ser: a Física e a Espiritual.

MARIA CAMPINO

SALIR



AGRADECIMENTO

ANTÓNIO CAVACO

Sua família, desejando evitar falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada.

LOULÉ



AGRADECIMENTO

MARIA DAS DORES COELHO

Seus filhos e restante família vêm tornar público o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a derradeira morada a saudosa extinta ou que de qualquer modo manifestaram o seu pesar pelo lutooso acontecimento, não o fazendo directamente, como seria seu desejo, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas.

Para todos o penhor da sua gratidão.

EMPREGADO / A

PRECISA-SE

De escritório, com conhecimento de contabilidade. Nesta redacção se informa.

Telefone 62503

LOULÉ



PASTELARIA

- ★ Pastelaria Fina
- ★ Especialidade em Doces Regionais
- ★ Snack (pequenos almoços e lanches)
- ★ Refeições (Menu variado)
- ★ Frango Assado
- ★ Croquetes de Bacalhau
- ★ Pastéis de Batata Doce
- ★ Pastéis de Carne

GRANDE SORTIDO EM BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Fornecimento para: CASAMENTOS - BAPTIZADOS - BANQUETES - ETC.

Largo Gago Coutinho — LOULÉ

A RONDA DAS FREGUESIAS

Por MANUEL POVINHO

ALTE

Não resta dúvida de que Alte, é símbolo de orgulho e de tradições que muito honram o seu concelho e o Algarve. Não foi por mero acaso que mereceu o título da segunda Aldeia mais portuguesa deste nosso bem amado Portugal. Nem será por especial favor, ou vaidade pessoal que se pensa num Mercado artesanal permanente. Alte e suas Aldeias serranas, têm algo de comparativo com as regiões do Norte. Suas gentes ainda cultivam o já habitual sistema da boa vizinhança, da força de união, do respeito pelo próprio e de um certo amor ao torrão natal.

Mas, estamos em crer que esta freguesia não tem sido, suficientemente compreendida, o esforço das gentes da zona serrana, não tem sido acompanhado pelo seu Município. Só visto e depois se perguntará à nossa consciência, como tem sido possível o esbanjar de tantos sacrifícios e dinheiro para a construção de vias de acesso, que jamais passarão de carrileiras unicamente próprias para circulação de tractores e pouco mais!

Saímos da sede da freguesia, com rumo a Santa Margarida, onde terminou a estrada de macadame. Lá fomos então em direcção à nascente, até atingirmos Sarnadas e depois Azinhal, aldeias onde existe a típica brancura algarvia, onde o labor agrícola é único modo de vida e de sobrevivência daquela gente. Pequenas mini-barragens artesanais para segurar as águas, que vão reger os pequenos hortos para a produção local. Macheira, Arneiro, Vale das Poças, Casinha, Atalaia, Soitos de Baixo, Soitos de Cima, etc. Todas essas pequenas localidades, têm o seu caminho próprio, onde pode passar um tractor e em último recurso outros transportes: tudo foi construído pelo força popular com ajuda da Junta de Freguesia que, na medida das suas fracas possibilidades financeiras, tem feito o que pode. Resolvemos ir mais além, — até às Águas Frias, uma povoação que bem pode e deve dar graças ao 25 de Abril, pois só agora viu satisfeito o seu maior sonho: uma ponte na ribeira cujo custo rondou as quatro centenas de contos.

Dupla satisfação, porque os responsáveis pela freguesia, bem se esforçaram durante décadas, pela concretização deste necessário melhoramento. Parabéns gente de Alte, que durante mais de 40 anos tiveram à frente dos vossos destinos um fiel e honrado representante. Hoje, estão vós igualmente bem representados por outro sucessor cheio de dinamismo, conhecedor das necessidades e justas ambições do seu povo: a citada ponte, o arranjo dentro de Sarnadas nas suas ruas: a estrada para Fonte Santa e Torre, conferem-lhe o justo louvor e a honra da sua escolha para presidente da Comissão de Freguesia. Mas Alte tem outras ambições, outras necessidades de toda a justiça. Água ao domicílio, será

o principal. Não se compreende que com tanta abundância deste precioso líquido logo ali a poucas centenas de metros não tenha ainda sido dado satisfação a esta premente necessidade. Ao que parece, este melhoramento depende em parte do Morgado de Alte, porque a nascente é dentro dos seus terrenos e cujas águas são necessárias para a rega desse mesmo Morgado. Como se poderá aceitar este enfeudamento? Por muito pobre que seja a moral de qualquer vivente, nunca poderá admitir que os interesses de um Morgado se sobreponham às necessidades de uma povoação: as dádivas ou riquezas da Natureza, são pertença da humanidade e nunca de a, b, ou c. Outra necessidade, é a continuação da estrada que já está feita, desde Beirada até à Cortinhola, última localidade da freguesia de Alte. Restará então a sua continuação, serra adiante, servindo Azinhal, Sarnadas com ligação a Santa Margarida; naturalmente que os habitantes de Alte, gostariam de ver essa via de acesso, desembocar directamente dentro da povoação. Pela nossa parte não estamos de acordo; pelo acidentado do terreno, pelas poucas povoações que iria servir e até porque, iria condenar Santa Margarida a um maior isolamento.

Resta-nos uma referência a Benafim, onde um pouquinho de rivalidade origina outro pouco de separatismo? Talvez não, simplesmente outro bairrismo, próprio de uma povoação com meios próprios, que em quase nada terá que defender da sede de freguesia: com seus orgulhos naturais, do belo vinho da Nave, dos ricos regadios da Quinta do Freixo, das suas naturais ambições. Enfim, a rivalidade por vezes, é necessária e útil, se não prejudicar o interesse comum! Parabéns Alte: até ao primeiro de Maio!

Manel Povinho

7\$50 por cada recibo de «A Voz de Loulé»

ACUDAM-NOS!

Ao contrário do que tem sido hábito nesta altura do ano, ainda não enviamos para o correio os recibos de «A Voz de Loulé», porque numerosos assinantes têm tido a gentileza de pagar na nossa redacção ou enviar a respectiva importância através de vales, cheques ou por intermédio de familiares.

E nós agradecemos muito a quantos queiram ter a gentileza de proceder de igual forma, porque assim evitamos de sobrecarregar com 7\$50 cada recibo que seja enviado através dos C.T.T.

E isto ainda com a agravante de perdemos os 7\$50 em cada recibo que nos seja devolvido, visto que os selos são inutilizados no momento da apresentação.

Por isso somos forçados a fazer um apelo a todos aqueles assinantes (que já conhecemos até de memória) que, por sistema, devolvem SEMPRE os recibos à 1.ª apresentação. Depois, ao longo do ano, é um calvário de novas cobranças, novas insistências, novas despesas. A alguns temos mesmo que cortar o envio do jornal o que é muito lamentável, pois os assinantes que não querem pagar têm uma maneira muito simples e muito prática de resolver o problema: é devolver o jornal.

O que não têm é o direito de prejudicar os outros.

XXX

AOS NOSSOS ASSINANTES NO ESTRANGEIRO

Os nossos prezados assinantes espalhados pelas mais diversas partes do Mundo (fora do país) repararam na taxa de correio que tivemos de pagar para lhes enviarmos o jornal por via normal? — Isso mesmo: 2\$00!!! Inconcebível, mas é verdade. Quase o dobro do que era até aqui...

E por avião? — Nem é bom falar.

Mas vejam, vejam como os CTT tratam a Imprensa regional, a verdadeira (íamos a dizer a única) Imprensa do Povo. Aquela que leva aos emigrantes as informações e notícias da sua terra bem amada e do seu país que, apesar de tudo, continuam a estremer. Aquela Imprensa que nunca os trai nem os abandonou. E continua ao serviço do Povo, arrostando com os maiores sacrifícios.

Perante este tremendo aumento de encargos, apelamos para os nossos assinantes no estrangeiro, no sentido de aumentarem espontaneamente os seus pagamentos, mesmo aqueles (e muitos são, felizmente) que trazem a sua assinatura adiantada.

Acudam-nos!... Muito obrigado.

SAÚDE PÚBLICA

PROBLEMA SEM SOLUÇÃO?

Ouvindo a equipa de jovens médicos que durante 8 meses actuaram na região de LOULÉ.

Logo após o 25 de Abril de 1974, na rádio, na TV, nos jornais e em comícios, desencadeou-se uma tremenda campanha contra os serviços hospitalares, contra os serviços médico-sociais da Caixa de Previdência, contra os médicos, contra as clínicas particulares e contra tudo o mais. Nada nem quase ninguém escapou.

Nessa altura os portugueses quase que se convenceram que finalmente tinha chegado uma varinha mágica que iria resolver todos os problemas da saúde pública em Portugal (e não só).

Decorridos que são quase dois anos, conclui-se que, afinal, tudo continua praticamente na mesma ou talvez pior.

Os hospitais servem muitíssimo mal e neles se cometem gravíssimos erros contra a saúde pública; os médicos são insuficientes e a população continua a não ter uma assistência médica satisfatória.

Problema sem dúvida extremamente complexo se atentarmos a estruturas tradicionais dificilmente removíveis e a que grandes interesses em jogo não são alheios.

Entretanto um dos grandes problemas que se punha ao País é que Lisboa apesar de não possuir ainda a média médico/habitante recomendada pelos organismos internacionais, tinha médicos a mais em relação ao resto do país.

Essa realidade levou o IV Governo a decretar a prestação de serviço médico na província após a conclusão do internato policlínico de 2 anos, nos Hospitais Centrais.

Isto quer dizer que qualquer médico só poderá continuar a carreira hospitalar após ter prestado serviço na província a expensas do Governo. Assim, no cumprimento dessa determinação,

foram deslocados para a região de Loulé 112 médicos, que durante 8 meses actuaram simultaneamente em Alte, Salir, Quarteira, Almancil, Paderne, Loulé (2), Ameixial, Boliqueime, S. Brás (2), Albufeira e Guia.

Estranhar-se-á que um acontecimento ímpar na nossa medicina e tão importante para a saúde pública não tenha merecido notícias detalhadas neste jornal. A verdade, porém, é que a circunstância de puro amadorismo em que trabalhamos para «A Voz de Loulé», não nos permite dedicar aos problemas locais o tempo que desejariamos, pois geralmente exigem consultas demoradas para aprofundar causas e efeitos.

Desconhecedores desta realidade, causou estranheza aos médicos a que nos vimos referindo que não tivéssemos esclarecido as populações locais acerca da sua actuação.

Na verdade, foi insignificante a notícia que publicamos quando soubemos que a referida equipa médica viria para Loulé e arredores.

Agora, porém, que terminou a sua missão, concordamos em que era absolutamente necessário procedermos a uma troca de impressões para que fossem tornadas públicas as impressões colhidas por jovens médicos que fizeram na nossa região uma apaixonante experiência no campo da medicina e cujos frutos foram colhidos por uma população cujo afastamento dos grandes centros populacionais a impossibilita de se deslocar a um consultório quando devia fazê-lo.

E, pois, com incontida alegria que podemos hoje dizer que a medicina foi ao campo: para prestar assistência a grávidas, para elucidar parturientes, para tratar de crianças, para observar jovens e tratar doenças crónicas da 3.ª idade.

E tudo isto gratuitamente! Embuídos daquele espírito altruísta e dinâmico característico da juventude, os jovens médicos chegaram ao Algarve animados de um sadio entusiasmo de dar o seu contributo para melhorar os serviços de saúde na área que se lhe foi destinada.

E assim, um dos seus mais válidos trabalhos foi a criação de um Serviço de Urgência no Hospital de Loulé, prestado por 2 médicos, durante 24 horas diárias.

Segundo era seu propósito, um dos médicos seria destacado para prestar assistência às enfermarias, o que não foi conseguido porque esses doentes foram considerados como estando à responsabilidade dos médicos locais, com os quais não foi possível chegar a acordo acerca deste problema.

Segundo nos foi dito, esta atitude mereceu a discordância unânime de toda a equipa dos novos médicos, os quais esperavam uma colaboração mais aberta dos seus colegas locais.

A presença desta equipa médica provocou também a criação de postos médicos de consultas em Almancil, Boliqueime, Salir, Guia, o apetrechamento de uma sala de consultas na Casa dos Pescadores de Albufeira e ainda a reabertura do posto de Ameixial.

Tudo isto provocou manifestações de regozijo de populações que até aqui não tinham tido oportunidade de ser assistida gratuitamente na doença e na velhice.

Foi pelo menos esta a conclusão a que chegámos durante as conversações que travámos com a equipa médica a que nos estamos referindo.

Pelo seu interesse específico de cada caso particular procuramos sondar opiniões isoladas de cada médico, tomando em consideração as suas experiências colhidas no meio ambiente em que trabalharam.

Assim, através da Dr.ª Maria Manuela Pineu, que trabalhou simultaneamente em Albufeira e Quarteira, ficámos sabendo que teve sempre horários com mar-

cações esgotadas, o que prova a carência de médicos e a dificuldade que as pessoas tinham em consultá-los.

A Dr.ª Maria Pineu notou uma «santa ignorância» da parte de uma população que desconhece quase em absoluto, os mais elementares princípios de puericultura, de higiene, de preceitos de alimentação, sendo ainda mais aflitivo o que se passa com a falta de cuidados higiénicos às parturientes.

«É uma coisa incrível», acrescentou.

E nós perguntamos: afinal onde estão essas sessões de cinema, esses colóquios, essas sessões de esclarecimento que ensinam às pessoas não aquilo que toda a gente já sabe desde o tempo de Adão e Eva, mas onde se ensine aquilo que a maioria da população ainda desconhece acerca de preceitos de higiene e conservação da saúde?

A cobertura médico-sanitária de Ameixial e S. Brás de Alportel ficaram aos cuidados dos Drs. Fernando Padrão e Pedro Dimas, que salientaram o seu desapontamento pelo subaproveitamento do Hospital de S. Brás de Alportel, que é de construção relativamente recente, que tem boas instalações, onde o factor higiene é factor predominante, mas onde, praticamente, não há doentes por carência de médicos.

O Hospital apenas é utilizado para operações cirúrgicas, o que é muito pouco para uma terra de tantas carências.

Impõe-se, por isso, que sejam tomadas medidas urgentes no sentido de pôr cobro a esta anomalia.

No Ameixial funcionou um Posto Clínico da Caixa de Previdência, cuja larga frequência foi sintoma das carências ali existentes no sector da saúde pública e foi particularmente notada a falta de um posto de venda de medicamentos.

Ameixial fica situada a 40 quilómetros de Loulé e a 20 de Almodôvar, cujos acessos são dificultados por centenas de curvas e, pedir a um médico que exerça ali medicina, é quase tão utópico como tentar salvar, sem água, um indivíduo que esteja prestes a morrer de sede.

Sem medicamentos e sem que haja uma única pessoa à altura de ministrar injeções ou dar uma simples recomendação, continua permanentemente em perigo de vida quem quer que adoça no Ameixial.

Problema melindroso sem dúvida e de difícil solução, que terá de merecer a melhor atenção das entidades oficiais.

A Dr.ª Marília Andrade desempenhou a sua missão em Almancil.

Com as horas de consulta totalmente tomadas, teve muitas vezes que exceder esse horário para atender a mais e mais doentes, quase todos eles com mais de 40 anos, o que talvez prove que, ali, os jovens terão poucos problemas de saúde.

Devido à sua extensão, não nos é possível publicar no presente número tudo o que escrevemos acerca deste problema.

No próximo número o faremos.

Um beco que deixa de sê-lo

Como resultado da construção do bloco residencial que há poucos anos foi implantado em frente da estação dos correios, registou-se um estrangulamento da rua ali existente.

Desfeva aquele local uma casa desalinhada e velha que a Câmara de Loulé acabou por comprar... para demolir.

Demorou alguns anos e até houve resistências a dificultar a execução do trabalho, mas a velha casa já foi demolida, o que pôs cobro ao Beco que ali havia e que, por isso, deixou de sê-lo.

Parabéns à Câmara de Loulé pelo trabalho realizado.

ABERTURA DE PROPOSTAS NO GAPA

No dia 22 de Janeiro foram abertas, no gabinete do Planeamento da Região do Algarve (GaPA), as propostas referentes ao concurso «sistema elevatório de mexilhoeira Grande e Figueira — equipamento electromecânico». A base de licitação era de 1.511.390\$00 e foram apresentadas duas propostas, a mais elevada no valor de 1.503.605\$00 e a mais baixa de 1.376.595\$00.

Continuam, entretanto, a ser apreciadas, pelos serviços competentes do GaPE, outras propostas referentes a concursos para a construção de novas obras.

CAFÉ ARIEIRO TRESPASSA-SE

Tratar com o proprietário: António Domingos Cavaco.

Rua da Carreira — Telefone 62299 — LOULÉ.

DOIS SENÕES NO CASINO DE VILAMOURA

Assistimos há pouco a um show do Casino de Vilamoura, com a actuação de uma fadista, um grupo de bailado inglês, um cantor da mesma nacionalidade, acompanhado de música gravada e do conjunto musical do referido Casino.

A colocação dos altofalantes no próprio estrado de actuação do conjunto musical, composto por piano, bateria e alguns instrumentos de arco, resulta um volume

— Pelo Dr.
ANTÓNIO DE SOUSA PONTES

de som de tal modo elevado que frequentes vezes houve necessidade de tapar os ouvidos, para o evitar.

Explicaram-nos que o público jovem exige a música «pop» com aquele volume de som, para não desanimar, pois doutro modo os dançarinos abandonam a dança.

Retorquimos que também no Casino do Estoril tal diapásão era utilizado, até que os protestos das autoridades foram tantos e tais que a orquestra foi modificada com a introdução de violinos, para dar maior melodia às músicas tocadas, o que foi ajudado por outra disposição dos altofalantes na sala.

O Casino do Estoril é frequentado por muitos lisboetas que são assíduos frequentadores dos concertos sinfónicos das três orquestras sinfónicas existentes em Lisboa, o que não sucede com os habituais frequentadores dos 3 Casinos do Algarve, na sua maioria residentes na Província.

Não vou repetir o que já dissera anteriormente, de que a verdadeira Música, é aquela que não dispensa o equilíbrio entre o Rit-

mo (que a música Pop possui em grande quantidade) mas que tem pouca melodia e harmonia — e, daí, o desequilíbrio notado. É como se numa pintura futurista se anulassem em três elementos: comprimento, largura e altura; que formam um volume qualquer.

Daqui apelamos para quem superintende na Orquestra do Casino de Vilamoura, repondo o gosto musical no seu verdadeiro valor estético.

Felizmente que no estrangeiro já se enveredou novamente pela consideração da música da Valsa, que durante tanto tempo fez as delícias de gerações de jovens. Quando ela chegar a Portugal, a música Pop ficará destronada — cremos.

Nessa altura já existirá, possivelmente, uma Orquestra Sinfónica Algarvia, baseada nos serviços próprios da Radiodifusão Portuguesa e de acordo com as exigências dos 15 264 alojamentos existentes no Algarve, que em 1974 deram ao Turismo da Província, 1.762.500 dormidas na sua hotelaria e similares, ou seja, mais 1.118.500 dormidas do que o distrito do Porto e mais — 565.200 dormidas do que no distrito do Funchal — ficando logo a seguir ao distrito de Lisboa.

O outro senão que notámos no Casino de Vilamoura, é a não existência de um bom cinema junto das 2 salas de jogos, de frequência a abarrotar — o que não sucede no Casino do Estoril. Aqui, muitos frequentadores dos «shows» e do dancing, assistem ao cinema que termina à hora a que aquele começa. Tanto mais que o jogo não interessa a muita gente, por ver nele um factor negativo da vida social.

Quarteira, 2-2-76.

NAS BEBIDAS ALCOÓLICAS VAMOS «DE AVANÇO»...

O Dia Nacional da Luta Anti-Alcoólica, recentemente comemorado pela Sociedade Anti-Alcoólica Portuguesa (S.A.A.P.), veio alertar muitas pessoas que têm vindo a tomar uma posição passiva, face ao grave problema do alcoolismo em Portugal.

Com um consumo médio de 100 litros de vinho por habitante em 1972, o nosso país aparece entre os primeiros consumidores de bebidas alcoólicas. Em média, mais vinho do que nós só bebem italianos (111 litros) e os franceses (107). A média espanhola, no ano referido, 1972, foi, por exemplo, francamente inferior à portuguesa (64 litros).

PRETENDE PLANTAR OLIVEIRAS?

Tenho p/ venda, de sequeiro e enxertadas prontas a dar fruto.

Informa esta redacção ou Telef. 62832 — LOULÉ.

VENDE-SE

Betoneira, com capacidade de 350 l. Motor eléctrico e guincho Beta. 500 kg. com cavalete.

Nesta redacção se informa.

MARIA EDUARDA CAMPOS

BERNARDO DE PASSOS E JÚLIO DANTAS

— DOIS CENTENÁRIOS EM 1976

Dois Algarvios que foram vultos grandes na literatura pátria nasceram em 1876, há exactamente cem anos. São eles Júlio Dantas e Bernardo de Passos.

Júlio Dantas nasceu em Lagos e morreu em Lisboa em 1962. Formado em Medicina, defendeu tese sobre as manifestações artísticas dos loucos, intitulada «Pintores e Poetas de Rilhafoles». Antes, tinha feito a sua estreia literária com um livro de versos. Deixou uma obra vasta e que abrange vários géneros, na qual se distinguem «Outros Tempos», «Pátria Portuguesa» e «Marcha Triunfal», que são considerados em conjunto, um romance do heroísmo nacional. Como dramaturgo, Júlio Dantas publicou «O Que Morreu de Amor» e «Ceia dos Cardeais», esta última considerada uma obra importante do teatro português, várias vezes representada na Europa e na América. Foi comissário do Governo junto do Teatro Nacional de D. Maria II e chegou a presidente da Academia das Ciências. Foi quatro vezes eleito deputado e foi professor do Conservatório Nacional de Lisboa.

Bernardo de Passos nasceu em São Brás de Alportel e sucumbiu em Faro, em 1930. Principiou por ser comerciante e professor do ensino particular. Muito bondoso, ensinava gratuitamente as crianças da sua terra. Foi comissário da Polícia, mas como não tinha coragem de meter ninguém na cadeia, chegava a pagar do seu bolso aos queixosos. As poesias de Bernardo de Passos apareceram inicialmente em jornais, assinadas com os pseudónimos de Brás Brasil e Passos Junior. Foi também jornalista. Com António Santos, fundou e dirigiu em Faro, o «Correio do Sul». Aos 28 anos, publicou o primeiro livro de versos, «Adeus». Posteriormente, foram publicados «Refúgio» e «A Árvore e o Ninho». Foi um grande poeta, perfeito cultivador da redondilha; e, temperamentalmente semelhante a João de Deus (outro grande poeta algarvio), inspirou-se na natureza e no amor sem mácula à humanidade.

Dois centenários do nascimento de dois vultos algarvios, de elevada cravura artística, que os nossos comprouvianos de hoje não devem esquecer. Estas singelas palavras já são, em si, uma intenção de homenagem e um chamar de atenção para a vida e obra de Júlio Dantas e Bernardo de Passos. Que outros falem deles com mais precisão.

LUISA DOS SANTOS

TRESPASSA-SE

Estabelecimento moderno, situado na Rua da Carreira.

Tratar com João Martins Rodrigues (João Mariano) — Telef. 62348 — LOULÉ.

Carências dos Corcitos

Talvez por certo pessimismo, ou concepções centradas no aforismo «a galinha da vizinha é mais gorda que a minha», nos queiramos armar aqui em vítimas para dizer que os sítios dos Corcitos, Serro da Corte, Arneirinha, Val de Alcaide, Portela, e não só, constituem uma das áreas do concelho de Loulé mais votadas ao abandono.

Situada na parte de cima da freguesia de Querença, trata-se de uma região de características essencialmente agrícolas, capaz de prover à subsistência de volumoso aglomerado populacional, estudada e explorada que fosse, em toda a extensão das suas potencialidades produtivas.

Entre os rendimentos que mais avultam para o equilíbrio económico da região, contam-se os chamados frutos secos, o azeite e alguma cortiça, de cuja produção se exportam quantidades apreciáveis.

As suas gentes, credoras dum passado de intenso labor e de sacrifícios, são dignas de especial atenção para os princípios que as orientam no sentido do amor à terra que as viu nascer e para a qual lamentam não existirem as condições de bem estar social de que carecem, por que anseiam e têm jus, como sejam eficientes meios de comunicação rodoviária e electricidade.

Consciente das suas necessidades, o povo dos Corcitos e arredores, executou há cerca de 20 anos e à sua própria custa, os trabalhos de terraplanagem da estrada que o serve e por onde já circulava, nos dias úteis, uma camioneta da carreira, com par-

tida dos Corcitos às 8 horas e regresso às 18,30, com excepção dos sábados que passou para as 12,30.

De inegável utilidade para a vida estudantil, longe está esta carreira de satisfazer às necessidades do resto da população, da qual muita gente se vê obrigada a percorrer cerca de 4 a 5 quilómetros a pé de, ou para o Pontão da Arrancada, para se servir das carreiras do Barranco do Velho, fugindo assim aos transtornos que acarreta para os seus orçamentos, naturalmente nada famosos, ter de ficar retida o resto do dia em Loulé, quando ali muitas vezes em pouco tempo governava a vida. Da mesma forma acontece quando tenha de utilizar estas carreiras para, ou de outras terras.

Tudo isto parece justificar uma chamada da boa atenção das entidades competentes para a urgente necessidade que há na ligação da estrada dos Corcitos a Salir / Barranco do Velho, na qual vêem as populações locais a possibilidade de porem ao seu serviço as actuais carreiras de camionetas a circular através daquela zona desabitada desde Corte Garcia à Eira da Cevada, a ninguém servem.

Ansiosas como as populações atrás referidas, estão as populações dos sítios da Casa Branca, Touris, Carrasqueiro e Cabeça da Vaca, que, vivendo ainda em maior isolamento, são também laboriosas, muito ordeiras, honestas e dignas.

Aqui fica um apelo de

FARIAS. — Querença

Educação sexual ...à chinesa

Não é só em Portugal há problemas quanto à educação sexual. Aliás, no Ocidente, parece que só os países nórdicos, terão resolvido até agora esse «bico de obra» educativo.

Na China de Mao também há problemas quanto a este assunto. Provavelmente os culpados foram os mandarins... mas a verdade é que a educação sexual está por resolver na China Popular. A demonstrá-lo está a publicação, recentemente realizada, naquele país do Oriente, de um pequeno manual de educação sexual, que, segundo a «France-Press», até foi prefaciado pelo Presidente Mao.

O livro é consagrado especialmente aos «problemas sexuais dos adolescentes», enumerando-se «algumas das consequências nefastas da masturbação» — estimulação cerebral excessiva, insónias, e, enfim, «erosão da energia revolucionária». O manual aconselha, então, para combater as tendências dos adolescentes para a masturbação, a prática do «tai

chi chuan» — uma forma tradicional de ginástica.

O silêncio do livro sobre relações sexuais antes do casamento é total. Significa, portanto, que não serão permitidas. Neste aspecto os países capitalistas (pelo menos alguns) há muito que se libertaram de tabus. E não vale a pena dizer que, lá na China, já se fizeram coisas muito importantes noutros campos. A verdade é que não se fizeram «neste», que não é de somenos importância, visto que os homens e mulheres só serão verdadeiramente livres quando puderem dispor de si próprios, sem peias nem constrangimentos.

O código moral deverá ser o da liberdade responsável, sobretudo num país socialista. Parece, porém, que na China o sexo ainda mete medo...

O livro foi posto à venda. E dá conselhos aos chineses. Este, por exemplo, diz muito: «para combater a masturbação e prevenir o onanismo é fundamental o estudo aprofundado das obras do Presidente Mao.

M. R.

Uni-vos, homens livres de todo o Mundo!

(continuação da pág. 1)

esteiras dos tanques soviéticos rolaram pelas ruas de Praga, em nome da paz. Assim foi também na Hungria, como havia sido, antes, na invasão da Polónia, em aliança com Hitler e o nazismo.

Na ONU, a troika é accionista maioritária, em nome da paz.

Em nome da paz, os comunistas chamam os povos democráticos de imperialistas.

Fui ver os mapas. Constattei que os Estados Unidos continuam com o mesmo território de antes da II Grande Guerra. A Inglaterra que foi o maior Império do Mundo, é hoje uma ilha. Na França a recordação do seu Império está nos Museus. Do Império Belga, só restam os macacos do Congo no zoológico de Antuérpia. A Itália por falta de terra enriquece o Mundo com os seus emigrantes. A Holanda conqui-

tou do mar a terra de que precisava para viver.

E a Rússia? Anexou 10 países, dominando 427 milhões de pessoas e dividiu duas nações ao meio. Em nome da paz forneceu seis mil tanques, milhares de aviões, mísseis e armas sofisticadas ao Egipto e à Síria para esmagar um povo de três milhões de seres humanos e cinco mil anos de tradição. A factura foi paga pelo Rei Façal, com o seu sorriso de Mona Lisa.

O Banco da troika soviética dá bolsas de estudo para os terroristas do Mundo. Muito em breve, não haverá nenhuma colónia governada por metrópoles. E a Rússia? Quando dará independência às suas colónias?

O domínio do Mundo é a sua meta. Mas o seu pesadelo é Kitai — a velha China. Para ajustar contas com ela, a Rússia realiza o sonho de Pedro, o Grande, no rumo do

goriatshie vody, as águas quentes do Mediterrâneo, do canal de Suez, do Mar Vermelho, do Oceano Indico e do Mar da China. De passagem, toma conta do petróleo árabe e manda seus xeques veranearem no Inverno da Sibéria.

E todo aquele que ama a liberdade e não adopta a religião comunista — é fascista! Precisa de uma lição. O castigo é a guerra económica.

Homens livres de todo o Mundo, uni-vos!

ADOLPHO BLOCH

(De «O Século de Jonesburgo»)

«EVOCAÇÕES» do dr. Guerreiro Murta

(continuação da pág. 1)

tre do Algarve, o Pintor Samora Barros, também ele descendente de pai louletano (José Ricardo de Sousa Barros). Na realidade, o dr. Guerreiro Murta fala, neste pequeno-grande livrinho, com grande enlevo, admiração e estima de Mestre Samora Barros, de quem foi amigo, desde longa data.

PONTE SOBRE O GUADIANA

(continuação da pág. 1)

«Nossos povos são amigos e vizinhos. Pela força das circunstâncias, estamos condenados a entender-nos acerca das independências nacionais e com respeito pelas nossas diferenças políticas».

«Quando eu digo vencer a batalha do turismo não quer dizer que pense num afluxo tão elevado como, por exemplo, em 1973. Mas o que estou deveras convencido é que o único sector nacional que vai reagir a muito curto prazo é o turismo».

«Passemos todos este ano de férias em Portugal, que é um país maravilhoso. Estive nestes últimos dias no Algarve e creio que todo o mundo tem de saber isto: havia 17 graus, com dias e sol esplendoroso».

«Nós não colocamos o turismo unicamente na óptica de receber divisas; eu vejo no turismo um instrumento de amizade entre os povos!»

PALAVRAS DE JORGE CAMPINOS, MINISTRO DO COMÉRCIO EXTERNO E TURISMO

Urgente

um grande movimento de reconciliação nacional

(continuação da pág. 1)

ergueram barreiras de ódio, que é urgente destruir; levantaram divisões e confrontos que não raro atingiram profundamente a própria unidade de muitas famílias; semearam ondas de violência e de crime, que nenhuma civilização digna deste nome pode tolerar. Impõe-se-nos, portanto, a urgência de um grande movimento de reconciliação nacional. É manifesta a necessidade de uma campanha de amor entre os portugueses. E os cristãos, por exigência da fé que professam, têm de ser os seus arautos e os seus pioneiros». As palavras são do cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro.

GUERRA À APATIA!

(continuação da pág. 1)

do nos sorrimos perante a iniciativa de fulano; quando nos rimos dos idealismos de beltrano, ou quando «gozamos» a carolice de sicrano.

É pois de fazer guerra a esta manifesta errada forma de ouvir os projectos dos que sentem necessidade de erguer uma obra.

Até aos sonhadores devemos dar o nosso amparo. Por isso, guerra à apatia e ao derrotismo.

Fernando Brasão Gonçalves

(continuação da pág. 1)

Na mesma cerimónia tomou também posse do cargo de Subsecretário de Estado do Turismo o sr. Dr. Luís Filipe Nascimento Madeira, deputado pelo Algarve à Assembleia Constituinte, em representação do PS, conforme já referimos no número anterior.

Apresentamos aos nossos conterrâneos as nossas felicitações e formulamos votos por que se esforcem por dar valioso contributo para que o turismo no Algarve volte a ser uma animadora realidade — para bem de todos nós.

ELEIÇÕES

Há entre el-rei e o povo Por certo um acordo eterno: Forma el-rei governo novo, Logo o povo é do governo Por aquele acordo eterno Que há entre el-rei e o povo.

Graças a esta harmonia Que é realmente um mistério, Havendo tantas facções, O governo, o ministério Ganha sempre as eleições Por enorme maioria!

Havendo tantas facções, É realmente um mistério. JOÃO DE DEUS

Nota: Em breve os portugueses irão votar. Espera-se que não seja «realmente um mistério» o resultado das eleições...

TAP CARACAS

ao serviço de mais portugueses



A partir de 3 de Abril.
2 vezes por semana.
Idas às 4.^{as} e sábados.
Regressos às 5.^{as} e domingos.
Entre Lisboa e Caracas,
um grande abraço TAP.
Um novo rumo da
Companhia portuguesa de aviação.
Consulte o seu Agente de Viagens

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

Em "pool" com a Viasa

As «ajudas» do Estado AOS PEQUENOS E MÉDIOS LAVRADORES

Um dinâmico grupo de paderneiros criou no sítio da Barrada (Paderne) uma Cooperativa de Regante que é exemplo vivo do que pode fazer-se em matéria de solidariedade e em boa harmonia entre os homens que vivam da terra.

Dentro duma pequena comunidade e sem ajudas oficiais, foi possível unir pequenos agricultores num ideal comum de melhorar a produção das suas terras — regando-as.

Para conseguirem a tão desejada e necessária água para o seu projecto pediram preços a uma firma particular, que lhes deu o orçamento de 65 contos pela conclusão do furo. Porém, tanto ouviram falar em reforma agrária e em ajudar o pequeno agricultor, que aqueles proprietários resolveram iniciar contactos com entidades oficiais cientes que iriam beneficiar da prometida ajuda e portanto gastariam menos dinheiro.

Puro engano.

Para começar, foram logo obrigados a depositar 52.000\$00 sem nenhuma garantia de que a água seria encontrada.

Depois, foi necessário pagar deslocações de funcionários públicos (e pagar-lhes ajudas de custo), transporte de materiais, etc., etc., gastos estes que já estavam incluídos no 1.º orçamento da firma particular.

Depois...

Depois foi a apresentação da conta final: mais 23.021\$30, condescendendo a Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos em aceitar «que o pagamento seja feito até ao dia 1 de Março. A partir desta data será feita a cobrança coerciva desta importância».

Face a esta «ajuda» das entidades oficiais, os regantes da Barrada tiveram que pagar mais de 80 contos por um furo que uma entidade privada fazia por 65 contos. E pagaram... porque quem tem alguma coisa tem medo do Estado.

E «vá lá, vá lá» que por en-

quanto ainda há entidades privadas a quem se pode perguntar preços...

Como a Comissão de regantes se «atreveu» a achar elevado o custo dos trabalhos, a Direcção dos Serviços Hidráulicos teve esta magistral saída: Em face da alta produtividade do furo captado, cujo caudal é da ordem dos 100 litros/segundo, e dos elevados benefícios que se espera venham a ser colhidos pelas dezenas de proprietários da Associação, mais se estranha ainda a atitude tomada uma vez que a cada um cabe encargo diminuto naquela liquidação.

É caso para perguntar: e se não fosse encontrada água, a Direc-

ção devolveria os 52 contos? ou cobraria 100 contos se o caudal fosse de 200 l/s?

É assim que se ajuda, neste país, os pequenos agricultores?

Pois estes pequenos agricultores para regarem as suas terras tiveram que gastar 435 contos e hoje já estão receosos de atingirem os tais célebres 50.000 pontos... que condenam os lavradores a uma vida de miséria permanente.

Para terminar, podemos ainda acrescentar que nenhum dos 97 intervenientes desta Cooperativa de regantes parece estar interessado em novas associações em que «pareça conveniente pedir a «ajuda» do Estado».

Um 'pedido aos nossos assinantes

«A Voz de Loulé», como aliás acontece com a quase totalidade dos jornais da pequena imprensa, tem uma vida deficitária e só se consegue manter com a receita das assinaturas, porque a publicidade é escassa.

Ora acontece que temos numerosos assinantes, principalmente no estrangeiro, que mantêm, ironicamente atrasado, o pagamento das suas assinaturas e esse facto torna ainda mais embaraçosa a existência do nosso pequeno jornal. Se acrescentarmos a este facto a circunstância de a maior parte dos assinantes preferirem receber o jornal por via aérea, facilmente se

compreenderá o prejuízo que para nós representam os atrasos verificados. E não é só o valor do jornal mas principalmente o que pagamos em selos que ainda lhe é bastante superior. Para exemplo basta acrescentar que basta a existência de 10 assinantes com 2 anos em atraso para isso representar um prejuízo superior a 4.000\$00. Ora a verdade é que são muitíssimos mais.

É certo que podemos suspender a remessa do jornal (e é isso o que fazemos com certa frequência) mas essa decisão não nos permite reaver os jornais enviados nem o dinheiro gasto nos selos.

Evidentemente que não ficamos pensando mal dos nossos conterrâneos pelo simples facto de se terem atrasado com o pagamento da assinatura do jornal da sua terra, pois compreendemos muito bem as dificuldades que terão em se deslocarem a uma estação dos correios ou a um banco para efectuarem uma transferência de fundos. Além disso, trata-se de uma daquelas coisas que «pode ser feita amanhã». E as pessoas descuidam-se e acabam até por se esquecer. Todas sabem que isto é mesmo assim. Se aparescesse alguém à porta a receber o dinheiro, evidentemente que não recusariam. Mas mandar...

E porque são muitos os nossos conterrâneos que se esqueceram dos seus deveres para com «A Voz de Loulé», ocorreu-nos publicar os seus nomes em vários números consecutivos, na esperança de que os seus familiares ou amigos os possam avisar, pois não sabemos as moradas de alguns, até porque acontece esta coisa curiosa: há muitos assinantes que mudam de residência, não nos avisam, e depois escrevem à família muito aborrecidos e admirados de não receberem «A Voz de Loulé».

...E culpam-nos da não (?) remessa dos jornais...

Uma voz devolvida à liberdade

Estaremos a caminho de uma revolução consciente depois de longos meses de desvairo em que até os melhores trabalhadores do progresso eram triturados na roagem da onda demagógica que tudo arrastava à sua frente? A evolução do caso «República» assim o parece dizer.

Foi o jornal do inconformismo e construído dia-a-dia com dificuldades enormes, passado à fiera censória e anavalhada, perante a indiferença ou o encolher de ombros comodista de muitos. Resistiu à perseguição sistemática e ódio vesgo. Pobre, mas sem dever nada a ninguém, viveu da isenção e militância dos seus acionistas, assinantes e leitores, de quantos o sentiam como catalizador das aspirações democráticas: Postos à margem quantos o faziam, podiam todavia erguer a cara mais do que os censores ou os conformistas da imprensa açaimada.

Os silêncios densos, ódios acumulados e as subserviências tornadas em altivez, de um momento para o outro, fizeram subir a onda revolucionária, engrossando-a de águas nem todas limpas. O velho jornal, que passara a noite de quase meio século sem se sujar e continuava onde sempre estivera, tornava-se alvo de atêntico assalto. Manipulados quase todos os outros meios de comunicação, que de servidores de um totalitarismo se tornavam guiões e tambores no cortejo instrumentalizado de novos senhores, não se tolerava que a voz discordante desfizesse a festa e continuasse a ser democrata e livre. Onde está a Democracia sem Liberdade, onde está o regime democrático sem oposição?

«República» foi assaltado de fora e de dentro, como o não fora nem sequer no tempo do fascismo. Assemelham-se muito os ditadores, venham eles de que ponto cardinal seja. Mas a experiência de resistente adquirida em

tantos anos de ostracismo, não foi vã. Firmou-se na posição que tivera e não consentiu em atraiçoar a doutrina que sempre o norteava. Nem os insultos bolsados sobre a direcção, a administração e accionistas, o demoveram. Não entrava em cortejos de ditadores ou aspirantes a tal.

Nos tempos de cárcere censório, fora assaltada e havia sido emudecida. Podia mostrar as cicatrizes que outros tinham sabido evitar conformando-se à vontade dos senhores do dinheiro e do Poder. Resistiu mais uma vez e esperou que o bom senso voltasse à administração deste País e que os militares sentissem a vergonha de se tornarem carascos depois de terem sido libertadores.

A voz do «República» condicionada foi repelida pelos leitores e, para continuar em liberdade a mesma luta, desta tomava até o nome. As semanas foram passando e o bom senso foi voltando aos espíritos e atirando para a valeta da caminhada democrática os abafadores e seus asseclas.

«República» voltou a ser libertado. Símbolo da resistência a todos os totalitarismos, os seus obreiros nunca deixaram de se bater pela liberdade. Continuam no mesmo combate.

(De «A LUTA»)

Quem arrenda a ldrão, tem cem anos de ilusão

Ocuparam tanto que já arrendam... Este é o comentário mais adequado ao insólito caso verificado na Herdade dos Conqueiros (900 hectares de regadio e 300 de vinha), em Alvalade (Alentejo).

A Herdade dos Conqueiros foi ocupada em Agosto de 1975. Os ocupantes expulsaram da propriedade os rendeiros que ali ganhavam o seu pão.

Agora, passados meses, fizeram saber em Alvalade que colocaram 150 hectares de regadio à disposição de quem os quisesse arrendar. Não há dúvida de que os novos senhores da terra são generosos...

Também a zona de Alvalade ficará na história do saque e da injustiça (provocados por aquilo a que alguns, deformadamente, têm chamado Reforma Agrária). No Vale de Santiago, ao agricultor Horácio Vaz foram roubados dois hectares, os únicos que trabalhava. «Nem eram dele: tinha-os de renda. Agora anda aí a trabalhar como tractorista, para ter com que se alimentar» — camponeses da região também comentaram pequenos rendeiros e seareiros foram expulsos das terras que trabalhavam, na Herdade da Ameira, actual «Cooperativa Humberto Delgado».

Por exemplo...

J. M., A Luta, 10

ENTRE EXCANXINAS E VALE D'ÉGUAS DECIDIDA E CORAJOSAMENTE O POVO ALARGOU O CAMINHÔ

Tinha que ser.

Aquilo não podia continuar assim.

O caminho estava cada vez pior e até a pé já era difícil passar.

Eis umas das expressões das pessoas que nos procuraram para comunicar a decisão duma Comissão de Moradores que resolveu desistir de esperar mais tempo pelas promessas da Câmara de Loulé e... lançar mãos à obra.

«Havia 12 anos que o nosso pedido tinha prioridade para execução imediata», disseram-nos, mas o povo juntou-se e pôs mãos à obra. Não podíamos esperar mais», disse-nos uma moradora daquela zona.

Em poucos dias cerca de 30 homens e 30 mulheres trabalharam com entusiasmo, com tenacidade, transportando terra, pedras, arrancando algumas árvores que não podiam ser poupadas.

«Foi uma pena aquelas 2 alfarrobeiras... mas tiveram que ser sacrificadas», são expressão de mágoa, de quem tem amor até mesmo às árvores do vizinho, mas de quem é capaz de se sacrificar para que todos beneficiem.

Os proprietários que beneficiavam do novo caminho já contribuíram com 15 contos e esse dinheiro já foi gasto com os trabalhos e a obra ainda não está concluída.

Há 2 vizinhos «rebeldes» que não querem saber do caminho (porque não querem ajudar) mas o povo não desiste de acabar a sua obra. Vai trabalhar mais, há-

-de pedir a ajuda da Junta de Almancil, da Câmara de Loulé, do Governo Civil.

Aquele caminho há-de merecer o nome de estrada, há-de ser alcatroado.

O povo de Excanxinas/Vale de Éguas quer ter a sua estrada. Feita com o seu trabalho esforçado, a sua persistência, a sua tenacidade.

Este é um exemplo dignificante de um povo cuja vontade indomita é capaz de derrubar montanhas.

Parabéns ao Povo que na região de Excanxinas/Vale de Éguas soube dar tão dignificante exemplo.

«Acabámos com os ricos»...

Consta que certo ministro português (progressista, evidentemente) muito ufano da sua tese e transbordando alegria teria dito a um seu colega sueco: «Nós em Portugal já acabámos com os ricos».

Resposta, pronta, do ministro sueco: «Pois nós fomos mais longe: acabámos com os pobres no nosso país».

Deixamos os comentários à apreciação dos nossos leitores.

O M. E. I. C. DÁ APOIO

(continuação da pág. 1)

prepara — através da Direcção-geral da Educação Permanente — um Plano de actividades para 1976, que visa apoiar a criação de centros populares de educação permanente nas colectividades e organizações populares existentes.

Finalidades desses grupos: alfabetizar; promover a aquisição de conhecimentos necessários a uma maior participação na vida da colectividade, da imprensa, da localidade, da sociedade em geral; proporcionar ao adulto trabalhador um modo de valorização da sua experiência social e profissional.

Nesse sentido, a Direcção-Geral de Educação Permanente poderá prestar apoio de várias ordens —

distribuição de um boletim de formação pedagógica, fornecimento de material de tipo escolar, empréstimo de equipamento (projectores de cinema, de diapositivos, etc.), difusão de obras resultantes das actividades dos grupos, etc. Para tanto, aquela DGEP apoiará, desde já a organização de cursos de formação para animadores dos centros de educação popular permanente (e, em especial, para alfabetizadores).

Consideramos esta iniciativa do M. E. I. C. bastante significativa e espera-se que as colectividades de cultura e recreio e outras organizações populares não deixem de corresponder a este interessante empreendimento.